

O 14º Plano Quinquenal da China Revela uma Escalada de Competição entre Grandes Potências

Uma Ameaça ao Ambiente de Segurança na América Latina

TENENTE-CORONEL FIDEL CASTRO HERRERA,
FORÇA AÉREA DO PERU

Após décadas de impressionante crescimento econômico e uma visão geoestratégica de longo prazo, a República Popular da China (RPC) alcançou metas muito importantes durante os seus últimos treze Planos Quinquenais Estratégicos. A política de lançamento dos Planos Quinquenais Estratégicos começou em 1952, após a fundação da RPC. A cada cinco anos, o Partido Comunista Chinês estabelece as prioridades e objetivos para o país para os cinco anos seguintes. Em março de 2021, a RPC lançou o seu 14º Plano Quinquenal (2021-2025), reiterando a sua estratégia no exterior. Esse último plano revela uma escalada da Competição entre Grandes Potências (GPC, sigla em inglês) e representa uma ameaça para o ambiente de segurança na América Latina. A estratégia externa da China está corroendo as alianças existentes entre os países latino-americanos e os Estados Unidos (EUA). Para descobrir a intenção da China por trás do controle econômico sobre os países latino-americanos e seus objetivos decisivos de promover agendas políticas em seu benefício, devemos fazer uma análise do assunto; pode ser que a China não seja realmente a grande potência que o mundo a afirma ser.

Investimentos chineses recentes indicam que a política econômica da China no controle de países representa um fator chave em sua estratégia para a América Latina. Neste momento, dezenove países fazem parte da Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI, sigla em inglês) da China, representando aproximadamente um trilhão de dólares de investimento em conectividade e infraestrutura.¹ De fato, o 14º Plano Estratégico da China menciona que o mercado chinês em escala ultragrande é uma vantagem para a cooperação internacional e traz resultados de benefício mútuo, para alcançar um desenvolvimento estável e de longo prazo.² Além disso, o Plano também declara que a China promoverá a combinação de construção militar e desenvolvimentos econômicos regionais para melhor atender às exi-

gências de sua estratégia de desenvolvimento de segurança nacional.³ Como a China estimula o desenvolvimento e a economia da região, em contrapartida, ela também tem a capacidade de exercer influência sobre áreas críticas de suas economias. O resultado é que essas nações, de alguma forma, se tornam dependentes dos interesses da China.⁴ É importante mencionar que o desenvolvimento econômico impulsiona as agendas políticas na América Latina, pois o poder do capital permite uma aproximação aos tomadores de decisões políticas.

Atualmente, tais investimentos econômicos significativos têm a intenção de serem usados em troca de importante apoio político aos interesses chineses. Por exemplo, nos últimos quatro anos, três países latino-americanos cortaram os laços com Taiwan e reconheceram a RPC, seguindo a política de “Uma China Única”.⁵ Assim, a China entendeu que a América Latina desempenha um papel fundamental nessa batalha diplomática, especialmente devido ao fato de que a maioria dos países que ainda mantêm relações com Taiwan estão nesta região. Neste ponto, é importante chamar a atenção para o papel do Exército de Libertação Popular chinês (PLA, sigla em inglês) neste esforço, através de destacamentos de policiais militares em apoio à missão de manutenção da paz das Nações Unidas (ONU) no Haiti, e do envio de seu navio hospital para a região. É importante notar que o 14º Plano Estratégico da China exige um novo tipo de relações internacionais, que advoga por um sistema mais justo e razoável.⁶ Isso está em conflito com a Orientação Interina de Segurança Nacional dos EUA, que clama os EUA a “liderar e sustentar um sistema internacional estável e aberto, subscrito por fortes alianças”.⁷

No entanto, alguns estudiosos afirmam que a China ainda não é uma grande potência, pois deve primeiro resolver vários problemas internos substanciais: os investimentos da China são o resultado de uma nação em crescimento e só estão garantindo os recursos necessários para a sua subsistência nacional. Além disso, segundo George Friedman, a verdadeira realidade geopolítica chinesa é a de que a China é um país isolado, profundamente dividido internamente. Sua prioridade estratégica, conseqüentemente, é a estabilidade interna.⁸ Adicionalmente, outra razão pela qual a percepção da China como uma grande potência é falha, é que a China foi a primeira a sofrer o impacto da doença do Coronavírus (COVID-19). Inclusive, muitos questionaram o papel da China na origem da pandemia dentro de seu território e, portanto, ela tem estado sujeita a um status negativo desprestigiado perante o mundo. Vários países confrontaram a China, reclamando de sua má gestão de informações com relação ao vírus e, em algum momento, abrindo a possibilidade de responsabilizar a China pela disseminação da COVID-19. Isso reflete graves falhas dentro das instituições da China, pelo menos na arena internacional.

Em resumo, o 14º Plano Estratégico da China aumenta a GPC e significa um perigo para a situação de segurança na América Latina. A estratégia da China

prejudica as alianças existentes entre os países latino-americanos e os EUA, ao “invadir” economicamente os países e promover agendas políticas decisivas em favor dos interesses da China; mesmo que se possa contra-argumentar que a China talvez não seja, na realidade, a grande potência que o mundo a afirma ser. É importante enfatizar a política econômica que a China está desenvolvendo na América Latina e analisar os resultados políticos que estão sendo alcançados para apoiar os seus interesses, a fim de entender a estratégia da China na região. À medida que a competição estratégica se intensifica, se não mudar, isso pode acabar transformando a América Latina no novo campo de batalha para a luta hegemônica entre os EUA e a China. □

Notas

1. Ciara Nugent e Charlie Campell, “Os EUA e a China Estão Lutando pela Influência na América Latina e a Pandemia Elevou os Riscos”, (TIME, 4 de fevereiro de 2021). [Time.com/5936037/us-china-latin-america-influence](https://time.com/5936037/us-china-latin-america-influence).
2. Ben Murphy, “Esboço do 14º Plano Quinquenal de Desenvolvimento Econômico e Social Nacional da República Popular da China e Objetivos de Longo Prazo para 2035”, (Centro de Segurança e Tecnologia Emergente, 12 de maio de 2021), p. 98.
3. Ibid., p. 131.
4. Cristina de Esperanza, “China na América Latina: O início de uma nova Guerra Fria?”, (elordenmundial.com, 10 de março de 2019). elordenmundial.com/china-enamerica-latina-el-inicio-de-una-nueva-guerra-fria/.
5. Ciara Nugent e Charlie Campell, “Os EUA e a China Estão Lutando pela Influência na América Latina e a Pandemia Elevou os Riscos”.
6. Ben Murphy, “Esboço do 14º Plano Quinquenal de Desenvolvimento Econômico e Social Nacional da República Popular da China e Objetivos de Longo Prazo para 2035”, p. 102.
7. Joseph Biden, “Orientação Estratégica Interina de Segurança Nacional”, (Casa Branca, março 2021), p. 9.
8. George Friedman, “A Estratégia da China”, (Futuros Geopolíticos, 11 de janeiro de 2016). www.geopoliticalfutures.com/chinas-strategy/.



**Tenente-Coronel Fidel Castro Herrera,
Força Aérea do Peru**

Ingressou na Academia da Força Aérea Peruana no ano de 1996 e se formou como piloto militar em 1999. Tem mestrado em Administração Pública (2011) e doutorado em Administração Pública (2013). Ele serviu como Auxiliar do Presidente peruano (2018-2020), Comandante Adjunto da Escola de Aviação Civil Peruana (2020-2021), ISR - Piloto de Mobilidade Aérea, piloto Learjet 36 (militar adaptado para missões ISR) e piloto da Força Aérea Peruana One - Boeing 737.